

NOVAS SEXUALIDADES, TRANSIÇÃO E LUTO

Lic. Ramiro Bergagna¹

1 Psicólogo, Psicanalista, Membro do Conselho de Administração, Subsecretária Acadêmica e Professora do Mestrado em Psicanálise e do Curso Avançado de Psicanálise com Crianças e Adolescentes da AEAPG. Membro da equipe de Gênero e Psicanálise da AEAPG. Trabalha no escritório com adolescentes e adultos. ramiro.bergagna@gmail.com

O título “Novas expressões das sexualidades, os gêneros e as sexuações” despertou em mim um grande interesse, já que, há algum tempo, a percepção sobre uma nova forma de pensar a psicanálise através de uma perspectiva de gênero mais ampla, onde sexualidade e sexuações também se conjugam, vem me chamando a atenção. Este entrelaçamento pode ser visto em diferentes âmbitos, do trabalho clínico do consultório aos grandes movimentos sociais que estão surgindo nestes tempos. Considero que novas questões sempre emergem para nos fazer repensar e desconstruir a realidade que nos cerca, tanto em alguns conceitos psicanalíticos quanto na percepção de algumas questões como as minorias, as novas modalidades familiares, entre outras.

Neste trabalho, tenho interesse em focar nos conceitos de gênero e sexualidade, e como estes são vistos sob novas perspectivas de gênero. O campo em que este tema pode ser trabalhado é vasto, mas me concentrarei em duas áreas que me interessam explorar: por um lado, o questionamento das teorias psicanalíticas clássicas do século passado e, por outro, o âmbito social e jurídico.

Começarei por uma breve definição, apenas como um guia inicial, de dois conceitos que irei abordar. Em seu trabalho “Diferenças de sexo, gênero e diferença sexual”, Marta Lamas define gênero como “o conjunto de práticas, crenças, representações e prescrições sociais que surgem entre os integrantes de um grupo humano em função de uma simbolização da diferença anatômica entre homens e mulheres”(P. 3, 2000). Aqui, destaca-se o papel fundamental da cultura, a importância da linguagem e, deste modo, a transmissão de uma geração a outra, o modo de conceber o gênero, em geral, baseado no sexo biológico.

A linguagem inclusiva, os questionamentos sobre a heteronormatividade e as novas leis argentinas sobre identidade de gênero nos desafiam como psicanalistas: que lugar damos a essas mudanças que estão acontecendo? O que nos desafia como analistas? É possível uma psicanálise atual?

As novas gerações de estudantes e colegas em formação colocam um olhar questionador sobre alguns escritos de Freud e outros autores psicanalíticos. A binaridade das teorias, os abusos transformados em histerias, o papel passivo da mulher. Se estas teorias se justificavam em determinada época, hoje cabe a nós construir novas teorias na nossa. A atualidade se faz ouvir, reivindicando um lugar para a diversidade, revisando um binarismo masculino-feminino, como o complexo de Édipo, a castração etc.

Graciela Cohan, em sua obra “Complexo de Édipo e construção de femineidades”¹ diz que: “As expressões Édipo invertido, Édipo positivo e Édipo negativo foram mantidas na literatura psicanalítica. Meu ponto de vista é que, inevitavelmente, estas expressões aludem a certos parâmetros de saúde que são claramente culturais e históricos e não psicanalíticos.

1 “Complejo de Edipo y construcción de femineidades”, no original em espanhol.

Podemos afirmar que o que chamamos de Édipo positivo se refere ao socialmente aceito e, portanto, constrói os ideais do supereu. Por outro lado, o que chamamos de Édipo invertido ou negativo refere-se ao que é reprimido e penalizado pelo próprio supereu, em consonância com os costumes epocais” (P. 6, 2020).

Afastar-se desta classificação como uma qualidade definidora nos abriria à diferença como uma novidade, e a algumas perguntas: por que uma mulher deveria assumir-se castrada? Faltaria a ela alguma coisa? Ou por que um homem deveria passar pelo medo da castração?

A teoria funciona como ordenadora, mas também como um processo, e deve ser modificada à medida em que algo não é mais como costumava ser, em que há algo que já não existe.

Isso me fez pensar em “Luto e melancolia”. Freud diz: “O luto é, de modo geral, a reação à perda de um ente querido ou de abstrações colocadas em seu lugar, como a pátria, a liberdade, um ideal etc.” (P.241, 1917[1915]). Será isso parte da travessia das novas sexualidades (ou teorias de gênero)? O trabalho do analista requer um trabalho de luto nesse sentido, tendo que elaborar essa “perda”? Heteronormalidade, binarismo, modelo patriarcal, falocentrismo e tantos outros elementos que devem sair para abrir espaço a novas realidades. O inquestionável emerge sobre a ordem social masculina, tão arraigada que não requer nenhuma justificativa, à maneira de um hábito. Como diz Freud mais adiante no mesmo texto, “isso desperta uma compreensível oposição; observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando seu substituto já se anuncia” (P.242, 1917 [1915]).

Marta Lamas, em seu artigo “Diferenças de sexo, gênero e diferença sexual”² cita as palavras de Bourdieu, que afirma que “todas as pessoas têm um certo interesse em não entender, ou em não conhecer, os significados da cultura em que vivem. Esta forma de ignorância voluntária, ao contrário do processo de repressão inconsciente, torna as pessoas incapazes de compreender questões de sua vida cotidiana. Esta forma de ignorância ‘involuntária’ é uma parte sistemática do processo de manutenção e reprodução da ordem social. Portanto, explorar a determinação situacional e relacional dos seres humanos leva a questionar os processos de representação e a produção de conhecimento, que são cruzados tanto pelo gênero quanto pela estruturação psíquica dos seres humanos” (P. 20, 2000).

Novos movimentos surgiram nos últimos tempos, como o movimento LGBTQ+ e os movimentos feministas, para citar alguns. Estes conseguiram tornar visível algo que as minorias padeciam silenciosamente (passivamente). Aqueles que pertencem a uma minoria têm uma visão da realidade diferente dos demais. Jorge Reitter, em seu livro “Édipo Gay”,

2 “Diferencias de sexo, género y diferencia sexual”, no original em espanhol.

faz uma colocação muito interessante referindo-se aos analistas: “Você talvez acredite que uma pessoa gay vive no mesmo mundo que vocês (referindo-me, obviamente, aos analistas heterossexuais, mas com a ressalva de que, no ambiente psicanalítico, salvo por um enorme trabalho pessoal, até mesmo analistas homossexuais pensam ‘heterossexualmente’), mas estão enganados; um homossexual não vive exatamente no mesmo mundo que vocês, assim como uma pessoa pobre não vive no mesmo mundo que vocês, nem uma pessoa com deficiência, nem um imigrante” (P. 60, 2019).

Na Argentina, a lei do casamento igualitário, a lei de identidade de gênero, a ESI (Educação Sexual Integral), bem como a recente lei de cota de trabalho transgênero, são questões que, felizmente, estão surgindo no cenário. Além do amparo gerado ao estar enquadrado em um marco legal, estas leis trazem à luz como estas minorias são constituídas, evidência as pessoas que as compõem. Impulsiona a desestigmatização. Isto não significa que a possibilidade de encontrar patologias deva ser abandonada, mas que é necessário não patologizar de antemão.

É possível observar esse fator nos consultórios, quando, geralmente na primeira entrevista, pacientes não heterossexuais se apresentam dizendo sua orientação sexual, como se a sexualidade precedesse a pessoa em forma de um “dever” de esclarecimento, de uma sexualidade que a define.

Lembro-me de um paciente que, na primeira entrevista, a primeira coisa que me disse foi “eu sou gay”. Depois, ficou em silêncio esperando que algo acontecesse e, quando nada aconteceu, ele deu um suspiro de alívio e só então pôde contar o que o levou à consulta. Quando alguém tem que se apresentar como “diferente” marca que não pertence ou não se sente parte de algo, de uma norma, e essa é a norma do mundo social heterossexual. Não é o mesmo para um casal heterossexual andar de mãos dadas na rua que para um casal gay, e assim poderia enumerar muitos outros exemplos.

No processo de escolha do gênero de uma criança, são os pais quem devem abordar – e às vezes enlutar – aqueles processos identificatórios (se nasce com pênis, gênero masculino; se nasce com vagina, gênero feminino) tomados como regra, já que “é assim que funciona”, e que resulta tranquilizador não precisar questioná-lo, uma herança da heteronormatividade patriarcal. Em relação a esse ponto, é interessante ressaltar o que diz Facundo Blestcher: “As categorias de *função materna* e *função paterna* contribuíram para distinguir as operações subjetivantes das pessoas reais que as encarnam – sem conseguir evitar seu movimento permanente –, mas revelam-se insuficientes, uma vez que duplicam a divisão do sistema sexo/gênero” (2013), em “As novas parentalidades e o tremor das certezas”³.

3 “Las nuevas parentalidades y el temblor de las creencias”, no original em espanhol.

Para concluir, acredito que estamos vivendo tempos de grandes mudanças, e mudanças que também estão ocorrendo a um ritmo vertiginoso. Habitar um mundo mais diverso exige escutar as diversidades, as minorias, saber o que elas têm a nos dizer.

Ressalto alguns conceitos cuja revisão parece importante:

- Mulher passiva-castrada
- Organização ao redor do masculino
- Édipo positivo e negativo

Continuar o processo psicanalítico implica ser capaz de desenraizar alguns conceitos ou transformá-los em função dos tempos em que vivemos, sem nunca deixar de lado o fato de que, sem Freud, nada disso poderia ser pensado, hoje, de uma nova maneira a partir de sua teoria. Estamos vivendo um momento importante. Trata-se, nada mais, de abandonar nosso apego aos velhos desejos e permitir questionar-nos, não apenas teoricamente, mas também como indivíduos.

Referências bibliográficas

-Blestcher, F. (2013) Las nuevas parentalidades y el temblor de las creencias. En <https://www.elpsicoanalitico.com.ar/num13/subjetividad-blestcher-nuevas-parentalidades-creencias.php#10>

-Cohan, Graciela G. De, (2020) Complejo de Edipo y construcción de Feminidades en Jaimsky, G: "Modelo para armar: la constitución del psiquismo, entre versiones freudianas y postfreudianas". Ricardo Vergara Ed. Bs. As.

-Freud, S.. (1917 [1915]) Duelo y melancolía. En obras completas. Amarrortu editores. (2000)

-Lamas, Marta (2000) Diferencias de sexo, género y diferencia sexual. Cuicuilco, vol. 7, núm. 18. Escuela Nacional de Antropología e Historia Distrito Federal, México. <https://www.redalyc.org/pdf/351/35101807.pdf>

-Reitter, Jorge N. (2019). Edipo Gay. Heteronormatividad y psicoanálisis. Ed. Letra Viva